

GRAMATICALIZAÇÃO EM SINCRONIA: O CASO DO CONECTOR *POR CAUSA QUE*

Fabício da Silva Amorim

RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar indícios sincrônicos da gramaticalização do conector *por causa que*, a partir de uma investigação que considera os princípios propostos por Hopper (1991). Além disso, busca-se ilustrar a eficácia da aplicação desses princípios para o estudo de processos de gramaticalização sob a perspectiva sincrônica.

PALAVRAS-CHAVE: Gramaticalização; sincronia; Princípios de Hopper (1991).

1. Apresentação

O paradigma funcional da Gramaticalização investiga o processo de mudança linguística pelo qual itens lexicais se tornam gramaticais ou, se já *gramaticalizados*, têm o seu estatuto gramatical intensificado (HOPPER; TRAUGOTT, 1993)¹. O objeto de estudo deste trabalho, a locução conjuntiva² *por causa que*, representa um caso prototípico de gramaticalização, na medida em que o deslocamento funcional da locução prepositiva *por causa de* em direção à locução conjuntiva constitui um processo de recategorização, através do qual um novo elemento, mais gramatical, se instala no conjunto de conectores de causa do português (PAIVA, 2001, p. 36)³.

¹ HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

² Ao longo deste texto, em referência ao *por causa que*, utilizam-se, intercambiavelmente, os termos *locução (conjuntiva/interclausal)*, *conector (causal/interclausal)* e *item gramatical*.

³ PAIVA, Maria da Conceição. "Gramaticalização de conectores no português do Brasil". *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, 2001. p. 35-46.

Entendido como processo, o fenômeno da gramaticalização acontece de maneira gradual, podendo ou não chegar a estágios avançados. Existem diferentes propostas teóricas que visam a descrever o percurso delineado por uma forma em gramaticalização (Cf. HEINE, 2003)⁴. De acordo com a proposta de Lehmann (1985)⁵, por exemplo, uma forma em gramaticalização pode ser identificada a partir de cinco parâmetros:

i) Paradigmatização: o item em gramaticalização tende a participar, de maneira mais integrada, em um dado campo semântico, posicionando-se em um paradigma pequeno.

ii) Obrigatoriedade: a forma perde seu caráter opcional e assume valor obrigatório.

iii) Condensação: o item tem a sua forma reduzida à medida que se gramaticaliza.

iv) Coalescência: formas adjacentes tendem a fundir-se no decorrer do processo.

v) Fixação: o item perde liberdade sintática, ocupando uma posição fixa.

Hopper (1991, p. 21)⁶, embora reconheça a importância dos parâmetros listados para o estudo de formas gramaticalizadas, assinala que eles não são adequados para os casos que representam estágios iniciais de gramaticalização. Ou seja, para o autor, esses parâmetros podem ser aplicáveis, na íntegra, apenas ao estudo de formas já bastante gramaticalizadas, como é o caso dos afixos, que já alcançaram, por exemplo, o estágio de morfologização. Nesse sentido, é possível inferir que a proposta de Lehmann requer que o processo de gramaticalização seja investigado sob um enfoque notadamente diacrônico.

Com o intuito de viabilizar a identificação da gramaticalização em estágios mais incipientes, Hopper (1991)⁷ propõe cinco princípios que, embora

⁴ HEINE, Bernd. "Grammaticalization". In: Joseph, Brian & Janda, Richard D. (eds.) *The Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell. 2003. p. 575-601.

⁵ LEHMANN, Christian. "Grammaticalization: Synchronic variation and diachronic change". In: *Lingua e Stile*, nº 20, 1985. p. 303-318.

⁶ HOPPER, Paul. "On some principles of grammaticization". In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991. p. 17-35.

⁷ HOPPER, Paul. "On some principles of grammaticization". In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991. p. 17-35.

não tão inéditos⁸, apresentam-se como bastante úteis para diagnosticar graus de gramaticalização de formas ou construções. A aplicação desses princípios não prevê, entretanto, que a forma em análise chegará a estágios avançados de gramaticalização, pois eles discriminam apenas estágios iniciais do processo, que podem, inclusive, confundir-se com outros tipos de mudança linguística.

Este trabalho baseia-se na premissa de que a aplicação dos Princípios de Hopper (1991)⁹ ao caso do conector *por causa que* pode atestar, em uma perspectiva sincrônica, a sua gramaticalização, conforme se verá nas seções a seguir. Os dados linguísticos analisados representam amostras de língua falada do português brasileiro, obtidos a partir dos seguintes *corpora*: “Coleção de Amostras do Português Falado no Semi-Árido Baiano”, organizada pela Universidade Estadual de Feira de Santana (BA); “Projeto Vertentes”, desenvolvido pela Universidade Federal da Bahia; e “Projeto Mineirês”, desenvolvido pela Universidade Federal de Minas Gerais. Os três *corpora* fornecem amostras que se localizam na transição entre os séculos XX e XXI, como é o caso dos dois primeiros, e no início deste século (2006-2008), conforme se observa no “Projeto Mineirês”. Esse recorte temporal representa, portanto, a sincronia sobre a qual o presente trabalho se debruça.

2. Princípios de Hopper (1991): conceito e aplicação

2.1. A estratificação (*layering*)

Hopper (1991)¹⁰ descreve a Estratificação como a coocorrência de formas distintas em um mesmo domínio funcional. A presente análise assume como “domínio funcional” a relação lógico-semântica de causalidade, na sua manifestação no nível interclausal. Nesse domínio, pode-se verificar a coocorrência

⁸ Os referidos princípios assemelham-se em muito a postulados que foram originalmente apresentados pela Sociolinguística (Cf. AMORIM, Fabrício da Silva. “Sociolinguística e Gramaticalização: algumas convergências teóricas”. *Inventário*, 9ª ed., 2011; NARO, Antony; BRAGA, Maria Luiza. “A interface sociolinguística/gramaticalização”. *Gragoatá*, n.9, Niterói. p.125-134, 2000.).

⁹ HOPPER, Paul. “On some principles of grammaticization”. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991. p. 17-35.

¹⁰ HOPPER, Paul. “On some principles of grammaticization”. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991.

de vários conectores, como a locução *por causa que*, a conjunção causal prototípica *porque* e a forma *que*. Embora existam outras formas conjuntivas responsáveis pela marcação de causalidade – *já que*, *visto que*, *como* etc. –, consideram-se, nesta análise, a locução *por causa que*, objeto desta investigação, e as formas *porque* e *que*, que representam as formas de conexão causal (interclausal) mais frequentes nos *corpora* consultados e, por conseguinte, no português brasileiro falado.

Para dar suporte à ideia de que as formas *por causa que*, *porque* e *que* representam um caso de estratificação, é preciso comparar o comportamento semântico-pragmático desses conectores com base nos domínios de causalidade descritos por Sweetser (1991)¹¹. A autora, analisando usos do conector inglês “because”, mostra que a relação de causalidade pode se manifestar em três domínios distintos: o domínio referencial, o domínio epistêmico e o domínio dos atos de fala. Esses domínios se distribuem em uma escala crescente de abstratização da noção lógico-semântica de causa. Os exemplos a seguir evidenciam que os conectores em análise estão presentes nos três domínios:

I. Referencial:

(01) Eles tudo teve oportunidade de escrever, de estudar. Os mais véi nem tanto, né? *por causa que* nós não parava aqui trabalhano roça fora. (ALFSB, RC, 01)¹²

(02) Nós saiu de lá *porque* a água invadiu. (ALFSB, RC, 01)

(03) ...quando foi da quaresma, a gente não pode fazê a roça, *que* não choveu. (PV, RC, 11)

¹¹ SWEETSER, Eve. *From etymology to pragmatics*. Cambridge: Cambridge University, 1991. p. 23-48.

¹² Ressalta-se que, na reprodução dos exemplos, manteve-se a transcrição grafemática original das entrevistas que compõem esses *corpora*. A identificação dos exemplos se dá da seguinte forma: a primeira sigla refere-se ao *corpus*; a segunda, à região ou comunidade catalogada e, por fim, apresenta-se a identificação do informante, que pode ser feita através da abreviação do seu nome ou através de numeração. Por exemplo, em “ALFSB, RC, 01”, têm-se: “Amostras de Língua Falada no Semi-Árido Baiano, Rio de Contas (Comunidade) e informante 01”.

II. Epistêmico:

(04) ...e aí chegou dois mil e dois Brasil venceu e agora esse ano ele vai se tornar hexacampeão **por causa que** vai terminar na final Brasil vez Alemanha (PM, BH, 07)

(05) Até o mês de... de junho, a gente já tem água aqui encanada já, **porque** já tão trabalhano já na barragem já. (ALFSB, RC, 02)

(06) Tem deles aqui que é... num gosta muito de trabalhar, tem, raro, né? **Que** é o povo aqui da roça tudo quase trabalha... (ALFSB, J, 09)

III. Atos de fala:

(07) Eu falei com minha vó assim: ô vó cê num pode falá assim não **por causa qui** qualquer coisa se [...] a égua não acerta na cobra, a cobra pode enrolá no pé da égua matá o animal e ainda a pessoa que tá em cima num é? (PM, MAR, 61)

(08) Tem que botar pouquinho fogo, assim numa base que não esquite demais, né? **Porque** se esquentar demais queima, sapeca. (ALFSB, RC, 04)

(09) Comé que ela vai ficá com próprio sangue da fia? Comé que os neto vai chamá, que ela tinha duas netinha, vai tirá três. Comé que as menina vai chamá? Ele de avô e ela? **Que** tomô o próprio cunhado da fia, tomô o sogro da fia. (PV, S, 05)

Assim, nos enunciados do grupo I, a causalidade é estabelecida com base na relação efeito-causa, que pode ser verificada no mundo real. No caso dos exemplos em II, a causa se apresenta no domínio epistêmico, já que a causalidade se assenta em uma crença ou conclusão do falante. Os enunciados do grupo III, por sua vez, têm cláusulas causais que codificam justificativas para atos de fala realizados na cláusula nuclear. Os exemplos apresentados atestam que, em um mesmo domínio de causalidade, coexistem diferentes conectores. Assim, o fato de os conectores *por causa que*, *porque* e *que* serem utilizados

para indicar um mesmo subtipo causal permite caracterizá-los como formas distintas que, circunstancialmente¹³, assumem um mesmo valor de verdade (LABOV, 1978, p. 2)¹⁴. O enunciado (08), por exemplo, pode assim ser parafraseado:

(08a) Tem que botar pouquinho fogo, assim numa base que não es quente demais, né? **Por causa que** se esquentar demais queima, sapeca.

(08b) Tem que botar pouquinho fogo, assim numa base que não es quente demais, né? **Que** se esquentar demais queima, sapeca.

A substituição do *porque* pelas formas *por causa que* e *que* – isoladas as avaliações estilísticas e sociais resultantes dessa troca – não provoca alteração semântica no enunciado em que se insere: ocorre, portanto, “a coocorrência de formas intercambiáveis sem que o significado que se intenta veicular seja prejudicado” (VITRAL *et al*, 2010, p. 201)¹⁵. Desse modo, é possível observar a estratificação entre os conectores causais em análise, visto que coexistem em um mesmo domínio de causalidade: em cada domínio, apesar de haver diferenças quantitativas (Cf. Tabela 01), detecta-se a presença dos três conectores.

2.2. A divergência (*divergence*)

O princípio da divergência prevê a coexistência entre uma forma fonte (lexical) e a sua versão inovadora (gramaticalizada). Nesse caso, do ponto de vista semântico e/ou estrutural, identificam-se divergências entre as duas formas.

¹³ É importante destacar que, neste trabalho, não há considerações estilísticas e/ou sociais a respeito do fenômeno em estudo. Assim, embora se reconheça que o uso de *por causa que* ou *porque* pode ser estilística e socialmente motivado, interessa a essa pesquisa apenas os fatores internos da variação que se observa entre esses conectores, aqui restringidos aos valores semânticos e pragmáticos que subjazem à escolha de uma ou outra forma.

¹⁴ LABOV, William. “Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera”. *Working Papers in Sociolinguistics*, 44, Austin, Texas, 1978.

¹⁵ VITRAL, Lorenzo; VIEGAS, Maria do Carmo; OLIVEIRA, Alan Jardel. “Inovação versus mudança: a interseção gramaticalização/teoria da variação e mudança”. In: VITRAL, L.; COELHO, S. (Org.). *Estudo de processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações*. São Paulo: Mercado das Letras, 2010. p. 201-228.

A emergência da locução *por causa que* ilustra, como assinalado, um caso em que a forma fonte é um item já gramaticalizado: conforme mostram Paiva e Braga (2006)¹⁶, a locução prepositiva *por causa de* gramaticalizou-se ainda mais, dando origem à locução conjuntiva *por causa que*. Nas amostras analisadas, foram encontradas ocorrências de ambas as locuções, o que mostra, na sincronia investigada, a convivência entre a forma fonte e a forma mais gramaticalizada, conforme prevê o princípio da divergência. A seguir, discutem-se as principais diferenças gramaticais e semântico-discursivas que caracterizam a divergência entre as formas *por causa de* e *por causa que*.

Do ponto de vista estrutural, é possível identificar três *types*¹⁷ para as construções com *por causa de* encontradas nos *corpora* consultados:

Tabela 1: Frequência *token* e *type* das construções com *por causa de*

Frequência <i>token</i>	Frequência <i>type</i> : construções causais com <i>por causa (de)</i>		
	[<i>Por causa de</i>] + [SN]	[<i>Por causa de</i>] + [oração infinitiva]	[<i>Por causa</i>] + [oração finita]
56	50	04	02
100%	90%	07%	03%

Observem-se os exemplos a seguir:

(10)...só que **por causa do transporte** e que num tinha enegia elas disseram que num vinha nunca mais ...**(PV, C, 01)**

(11)...os carro só anda cheio direto. É contado os pessoal que dá pra pegar o carro pra ir pra rua, agora quem vai trabaiair, perde o horário **por causa disso**. **(ALFSB, FS, 07)**

¹⁶ PAIVA, Maria da Conceição; BRAGA, Maria Luiza. “Conjunções lexicais e gramaticais: o caso de *por causa de*”. *Gragoatá* (UFF), v. 21, p. 73-86, 2006.

¹⁷ A aferição dessas frequências pauta-se pela proposta de Bybee (BYBEE, J. “Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency”. In: JOSEPH, B., JANDA, R. *The Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.). Dessa maneira, os dados são organizados como frequência *token* e *type*: a primeira diz respeito à frequência de um item independentemente de sua função; a segunda refere-se à frequência das diferentes funções que um dado item ou construção assume.

(12) E eu vim de novo de volta pra cá **por cause da família ser grande.**
(ALFSB, RC, 06)

(13) Tem gente [...] pode se sentir mal, **por causa sente alergia...**(PV, S, 06)

Em (10) e (11), a forma *por causa de* caracteriza-se como um conector intraclausal, já que se liga a um SN. É interessante observar que, em (11), o núcleo do SN é um pronome anafórico, o que, nos *corpora* consultados, representa 22% das construções “[*por causa de*]+[SN]”. Em (12), a locução *por causa de* é seguida por uma oração infinitiva. O último *type* apresentado na tabela chama a atenção por apresentar o apagamento da preposição *de* e, na sequência, uma oração finita, exibindo um padrão estrutural que remete à forma inovadora *por causa que*. Como houve apenas duas ocorrências desse *type*, não se pode, por ora, aventar hipóteses que expliquem a sua configuração.

Ao se considerar o uso da locução *por causa de* como conector interclausal, em construções do tipo “[*por causa de*] + [oração infinitiva]”, verifica-se que a forma inovadora, de base *que*, diverge da forma fonte quanto à forma verbal, sendo sempre seguida de oração finita. O enunciado (12), por exemplo, pode ser parafraseado da seguinte forma:

(12a) E eu vim de volta pra cá ***por causa (de) que a família é grande.***

Nesse caso, observa-se que a divergência se manifesta no padrão estrutural (forma verbal) esperado para a oração causal. A divergência mais notável, entretanto, entre os conectores *por causa de* e *por causa que* se evidencia no fato de o primeiro ser intraclausal e o último, interclausal. Ainda que apresente usos como conector interclausal, em construções do tipo “[*por causa de*] + [oração infinitiva]”, os dados analisados sugerem que, no português brasileiro contemporâneo, a forma *por causa de* representa um conector prototipicamente intraclausal (90% dos *tokens*). Até mesmo como conector interclausal, vale destacar que a forma verbal da oração que pode segui-lo – infinitivo – tem comportamento mais próximo dos nomes, como o fato de não apresentar flexão de tempo.

Essa diferença, contudo, parece não refletir no tipo de relação causal estabelecida pelas construções com *por causa de* ou com *por causa que*: em

ambos os casos, a causalidade tende a permanecer no domínio referencial (Cf. seção a seguir).

Do ponto de vista discursivo-funcional, podem ser identificadas outras diferenças entre a locução *por causa de* – no seu uso como conector intraclausal – e a sua versão mais gramaticalizada, *por causa que*. Desse modo, a alteração do segmento *por causa de* + *SN* para *por causa que* + *oração fnita*, em alguns casos, encontra restrições, como se observa a seguir:

(14) Meu marido me abandonô ***por causa daquela*** mulé. (PV, S, 05)

A motivação do abandono é atribuída a um referente, sem que haja qualquer explicitação da ação por ele realizada. Conforme destacam Paiva e Braga (2006, p. 80)¹⁸: “a maioria das características inerentes à noção de causa ficam ofuscadas em enunciados desse tipo: a própria ação, em consequência, a referencialidade temporal e, de certa forma, a noção de agentividade”. Assim, o “abandono” não pode ser atribuído diretamente à “mulher”; é preciso, pois, que a relação causal seja interpretada através de inferências autorizadas pelo contexto em que a construção se insere.

Ao contrário, quando a locução *por causa de* é seguida por um nome deverbal, a alternância entre as duas estruturas é favorecida:

(15) Só fui preso uma vez ***por causa de*** bagunça. (PV, S, 02)

(15a) Só fui preso uma vez ***por causa que*** baguncei.

Apesar de a alternância poder ser possível em virtude de um aspecto morfológico, do ponto de vista discursivo-funcional, não há equivalência entre as estruturas. O uso da construção *por causa de* + *SN* permite destacar como causa o resultado da ação (“bagunça”). No caso do segmento *por causa que* + *oração fnita*, a causa assume um caráter mais dinâmico, recaindo a ênfase sobre o próprio ato de bagunçar. Ademais, vale salientar que, nas construções com *por causa de* + *SN*, há perda do traço temporal implícito na relação de

¹⁸ PAIVA, Maria da Conceição; BRAGA, Maria Luiza. “Conjunções lexicais e gramaticais: o caso de *por causa de*”. *Gragoatá* (UFF), v. 21, p. 73-86, 2006.

causalidade. Com isso, em relação ao conector *por causa de*, “a relação causal parece se situar em um plano metafórico, na medida em que se desvincula da ação.” (PAIVA; BRAGA, 2006, p. 81)¹⁹.

Outro aspecto que evidencia mais uma divergência entre as locuções *por causa de* e *por causa que* refere-se à perda do traço [+agentividade] presente na primeira. Assim, do ponto de vista semântico, é possível notar que a locução *por causa de* expressa uma acentuada noção de agentividade, responsável por atribuir a algo ou a alguém a razão de ser de determinado estado de coisas. Entretanto, essa noção pode ser neutralizada nos usos da locução conjuntiva que dela se originou (PAIVA; BRAGA, 2006, p. 84)²⁰. Em (16) e (17), é possível perceber que o segmento causal carrega uma noção de agentividade em relação ao estado de coisas expresso no segmento efeito.

(16) ... pra semana que cê fô, você vai... vai falá po... po médico dá um atestado pa você encostá, pa ficá me aguentano sem trabaiaí. Porque ele trabaia de enxada e ele num guenta trabaiaí **por causa das perna. (PV, S, 05)**

(17) Minha mãe padecia muito por causa que ... **por causa do trabalho...** (PV, S, 06)

No entanto, nas orações encabeçadas pela locução conjuntiva *por causa que*, a relação de agentividade entre o segmento causal e o segmento efeito é, na maioria dos casos, neutralizada²¹:

(18) Ninguém num saía pra rua tarde da noite não, **por causa que** tinha cisma dessas coisa, né? (ALFSB, RC, 04)

¹⁹ PAIVA, Maria da Conceição; BRAGA, Maria Luiza. “Conjunções lexicais e gramaticais: o caso de *por causa de*”. *Gragoatá* (UFF), v. 21, 2006. p. 73-86

²⁰ PAIVA, Maria da Conceição; BRAGA, Maria Luiza. “Conjunções lexicais e gramaticais: o caso de *por causa de*”. *Gragoatá* (UFF), v. 21, 2006.

²¹ É válido salientar que o traço de agentividade não é pré-requisito para que a noção causal esteja no domínio referencial. Portanto, o seu ofuscamento nas cláusulas *por causa que* não interfere no fato de que a maioria delas marca a relação causal no domínio referencial. Em (18), por exemplo, a cláusula “*por causa que tinha cisma dessas coisas*”, em que não é possível identificar o traço de agentividade, representa uma causa real para o estado de coisas descrito no segmento efeito.

A causa de as pessoas não saírem à noite não se codifica em algo ou alguém propriamente dito: trata-se, na realidade, de um estado de coisas [– dinâmico]. Dessa forma, pode-se inferir que há, nas construções causais com *por causa de*, referência a um “causador”, o que parece ter se perdido no processo de gramaticalização, uma vez que, em construções com *por causa que*, há um enfraquecimento da noção de agentividade inerente ao item lexical *causa*, base da locução.

Os aspectos discutidos mostram, portanto, que, embora coexistentes, as formas *por causa de* e *por causa que* podem estruturar o segmento causal sob diferentes formas (SN, oração infinitiva, oração finita), o que, conforme a análise anterior demonstra, resulta em divergência discursivo-funcional.

2.3. A especialização (*specialization*)

De acordo com o princípio da especialização, uma forma em gramaticalização pode especializar-se na marcação de uma determinada noção gramatical. Segundo Hopper (1991, p. 26)²², à medida que se implementa, a especialização gera uma redução do número de formas possíveis dentro de um mesmo domínio funcional, por se tratar de um processo que se dá através de generalização, em que uma forma linguística passa a abarcar todas as nuances semânticas do domínio funcional de que faz parte, levando-a a suprimir as demais. Por conseguinte, a forma especializada se torna mais frequente, pois se estabelece como representante única do domínio funcional a que pertence.

A análise do conector *por causa que*, em comparação a outros conectores causais, atesta a presença da especialização no domínio de causalidade. No entanto, à luz dos dados desta análise, não se pode dizer que, no referido domínio, a especialização se implementa via generalização em detrimento de outras formas; daí se recorrer à proposta de Tavares (2003, p. 74)²³, que assume a existência da especialização por especificação. Tal processo ocorre quando

²² HOPPER, Paul. “On some principles of grammaticization”. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991.

²³ TAVARES, Maria Alice. *A gramaticalização de e, aí, daí e então: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista*. 2003. 400 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

as formas adversárias adquirem significados mais específicos e/ou passam a ser empregadas em contextos semântico-pragmáticos e/ou morfossintáticos específicos, eliminando-se assim a competição. **Nesse caso, nenhuma forma seria excluída ou generalizada para cobrir todas as funções pertinentes a um domínio particular, mas cada uma seria empregada em certas funções e/ou contextos particulares pertinentes ao domínio.** (grifo acrescentado)

Observe-se a Tabela 2:

Tabela 2: Distribuição dos conectores *por causa que*, *porque* e *que* entre os domínios de causalidade

Conector	Refer.	(%)	Epist.	(%)	Atos de fala	(%)	Total
<i>Por causa que</i>	81	82	05	05	13	13	99
<i>Porque</i>	164	38	43	10	222	52	429
<i>Que</i>	55	23	25	10	160	67	240

Os dados revelam que a locução conjuntiva *por causa que* tende a especializar-se na expressão de causa estrita, estabelecida no domínio referencial. Os resultados apresentados por Paiva e Braga (2006, p. 83)²⁴ também corroboram o fato de essa locução estar ligada ao domínio referencial: todas as ocorrências analisadas pelas autoras estabelecem a relação de causalidade nesse domínio. Assim, como a base dessa locução é o nome *causa*,

parece ocorrer um processo segundo o qual a locução preserva a carga semântica da própria palavra ‘causa’ em seu sentido mais estrito, reservando o uso da locução conjuntiva para as situações em que se tem uma conexão causal mais estrita. (PAIVA; BRAGA, 2006, p. 84)²⁵.

²⁴ PAIVA, Maria da Conceição; BRAGA, Maria Luiza. “Conjunções lexicais e gramaticais: o caso de por causa de”. *Gragoatá* (UFF), v. 21, 2006.

²⁵ PAIVA, Maria da Conceição; BRAGA, Maria Luiza. “Conjunções lexicais e gramaticais: o caso de por causa de”. *Gragoatá* (UFF), v. 21, 2006.

Por sua vez, o conector *porque* apresenta um comportamento mais polissêmico quanto à expressão de causalidade, pois as suas ocorrências se distribuem, em quantidades relevantes, entre os domínios referencial e o dos atos de fala.

Portanto, a especialização, nesse caso, se dá por especificação: sobretudo as formas *que* e *por causa que* estariam se especializando na expressão de noções específicas dentro do domínio de causalidade. Não há, a princípio, a eliminação de uma das formas, já que parece estar havendo uma “divisão de tarefas” quanto à expressão da causalidade. No entanto, é válido destacar que esse processo de especialização encontra-se em um estágio incipiente, dada a baixa frequência da locução *por causa que* e o comportamento notadamente polissêmico do conector *porque*, conforme visto na Tabela 1.

2.4. A persistência (*persistence*)

Segundo o princípio da persistência, nos processos de gramaticalização, em estágios não muito avançados, é possível identificar significados da forma fonte na forma gramaticalizada. O fato de a forma gramaticalizada poder apresentar traços semânticos da forma fonte torna-a polissêmica, visto que significados anteriores juntam-se a significados mais gramaticais (atuais). Além disso, é possível que a preservação de traços da forma fonte interfira na distribuição gramatical do item em gramaticalização. Sobre esse princípio, Lopes (2010, p. 278)²⁶ destaca que

A persistência de propriedades do item original na forma gramaticalizada é, por assim dizer, um dos aspectos mais preponderantes nesse processo de mudança por gramaticalização, uma vez que os traços identificados pelo princípio da persistência marcarão as particularidades da forma que se recategoriza.

Com base nesse princípio, pode-se verificar que, na locução *por causa que*, mais gramaticalizada, persistem propriedades semântico-discursivas da

²⁶ LOPES, R. S. “A persistência e a decategorização nos processos de gramaticalização”. In: VITRAL, L.; COELHO, S. (orgs). *Estudo de processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações*. São Paulo: Mercado das Letras, 2010. p. 275-314.

sua forma fonte. Para demonstrar tal persistência, as construções com *por causa de* e *por causa que* serão analisadas a seguir, comparativamente, levando em consideração as seguintes propriedades: marcação da relação de causalidade, ordenação do segmento causal, estatuto informacional do segmento causal e o tempo/modo verbal do segmento efeito.

No que se refere aos domínios de causalidade, 95% das ocorrências de *por causa de* estabelecem relações causais no domínio referencial. Da mesma forma, conforme já assinalado, a maioria dos casos de *por causa que* também localizam a relação de causalidade nesse domínio. A tabela permite visualizar os resultados:

Tabela 3: Distribuição das formas *por causa que* e *por causa de* entre os domínios de causalidade

Conector	Referencial	(%)	Epistêmico	(%)	Atos de fala	(%)	Total
<i>Por causa que</i>	81	82	05	05	13	13	99
<i>Por causa de</i>	53	95	-	-	03	05	56

A título de ilustração, vejamos a seguir as ocorrências de ambas as locuções nos domínios referencial e dos atos de fala:

I. Referencial:

(19) Ele... minha mãe tomô ele ***causa que*** a mãe dele morreu, tomô pequeninho que era tudo parente, aí tomô e criô ele, aí depois que juntô tudo, começô a namorá. Aqui tem muita gente casada com primo. (PV, S, 05)

(20) ...num botô [o fubá] no sol ***por causa da*** chuva... (PV, RC, 13)

II. Atos de fala:

(21) ...se eu tivesse estudo eu tava aqui, batendo poêra, cortano mato, vendo a hora de... de... de... tomano topada den'de toco?... ôch! Tava era na cidade procurano emprego bom. ***Por causa de que*** uma pessoa sem estudo tá na cidade ainda num arranja nem po sal, né não? (PV, S, 02)

(22) DOC.: Não pensa em tê mais [filhos], não?

INF.: Não, dois é bom, **causa do** estudo, né? (PV, RC, 06)

Dessa forma, do ponto de vista semântico-discursivo, a forma inovadora *por causa que* ainda mantém comportamento semelhante ao que é apresentado pela forma fonte. Essa semelhança se estende, ainda, a outros aspectos, como se observa a seguir.

Quanto à questão da ordenação, aqui tratada como um aspecto discursivo-funcional, verifica-se que os segmentos causais introduzidos por *por causa de* e *por causa que* apresentam certa flexibilidade, podendo antepor-se ou pospor-se ao segmento efeito²⁷, tanto no nível intraclausal quanto nos períodos complexos, como mostram os exemplos (23) a (26):

I. Anteposição:

(23) Aí **por causa que** a gente num tem irmão aqui perto, aí quem vai ter que cuidar é eu mehmo, né? Por isso que eu num... num posso sair pra São Paulo. (ALFSB, J, 08)

(24) **Por causa dela** minhas coisa tá quebrano. (PV, S, 05)

II. Posposição:

(25) A pessoa tem que ter emprego pa poder ele poder viver. Cê num pode viver sem um emprego... pa todo meise, acaçar um meio de pagar uma energia, d'uma luz que se alumeie, e... e atasar, sen... veno... os caba vim cortar **por causa que** num pode pagar. (ALFSB, J, 09)

(26) ...esses problema de família mesmo que... meu [pai] morreu foi **por causa de** problema de sangue, sei lá, é... (PV, RC, 11)

²⁷ Há, ainda, casos ambíguos, em que não se pode precisar o posicionamento do segmento causal. Nas amostras consultadas, encontraram-se duas (3%) ocorrências de construções com *por causa de* com ordenação ambígua. Esses dois casos, entretanto, foram desconsiderados nesta análise.

Apesar de haver essa flexibilidade de ordenação, a posposição do segmento causal ao segmento efeito representa a ordem não marcada nas construções causais com *por causa de*. O mesmo é atestado para as construções com *por causa que*, ou seja, quanto ao aspecto *ordenação*, a forma gramaticalizada mantém o mesmo padrão da forma fonte:

Tabela 4: Ordenação do segmento causal em relação ao segmento efeito

Conector	Anteposição	(%)	Posposição	(%)
<i>Por causa de</i>	04	07	50	93
<i>Por causa que</i>	06	06	90	94

A análise do estatuto informacional do segmento causal também demonstra que essas formas apresentam, na maioria dos casos, função discursiva idêntica, a saber, a de serem pontos de introdução de informação nova:

Tabela 5: Estatuto informacional do segmento causal

Conector	Velha	(%)	Inferível	(%)	Nova	(%)	Total
<i>Por causa de</i>	17	30	01	02	38	68	56
<i>Por causa que</i>	09	06	02	02	85	92	96

Quanto ao tempo/modo verbal do segmento efeito²⁸ das construções em análise, observe-se a tabela:

²⁸ Como em 90% dos casos encontrados nos *corpora* a expressão *por causa de* aparece como conector intraclausal, não há, no segmento causal por ela introduzido, uma forma verbal, mas um SN. Portanto, para a análise que ora se apresenta, considera-se apenas o tempo/modo verbal do segmento efeito, o que se estendeu, devido ao caráter comparativo da análise, às cláusulas *por causa que*, apesar de disporem de verbo no segmento causal.

Tabela 6: Tempo e modo do verbo do segmento efeito

Tempo/modo verbal	Conector			
	<i>Por causa de</i>	(%)	<i>Por causa que</i>	(%)
Presente do Indicativo	22	43	38	58
Pret. Perfeito do Indicativo	20	39	14	22
Pret. Imperfeito do Indicativo	05	10	06	09
Fut. do Presente do Ind.	01	2	04	06
Fut. do Pretérito do Ind.	-	-	02	03
Imperativo	-	-	01	02
Gerúndio	02	4	-	-
Particípio	01	2	-	-
Total	51	100	65	100

Os resultados revelam que mais da metade das construções com *por causa que* (58%) apresentam verbo do segmento efeito no presente do indicativo. Nos períodos simples com a locução *por causa de*, a diferença entre os resultados não é tão expressiva: 43% dos verbos do segmento efeito das construções com *por causa de* se apresentam no presente do indicativo, enquanto 39% estão no pretérito perfeito. Desse modo, apesar de os casos de verbo no presente do indicativo serem um pouco mais frequentes, não é possível afirmar que, quanto ao aspecto modo/tempo verbal do segmento efeito, existe uma preservação de traço da forma *por causa que* em relação à sua forma fonte. Ao que parece, esse pode ser um dos aspectos que particularizam a forma inovadora, contribuindo para promover a decategorização, como propõe Lopes (2010, p. 278)²⁹. Nesse aspecto, uma comparação com as construções com *porque* revela que as cláusulas *por causa que* se aproximam daquelas introduzidas pelo conector causal prototípico: nos *corpora* consultados, 45% do segmento efeito das construções com *porque* têm verbo no presente do indicativo, enquanto que 29% têm verbo no pretérito perfeito.

²⁹ LOPES, R. S. "A persistência e a decategorização nos processos de gramaticalização". In: VITRAL, L.; COELHO, S. (orgs). *Estudo de processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações*. São Paulo: Mercado das Letras, 2010.

É preciso salientar que a diferença quanto ao aspecto tempo/modo verbal não invalida a notável presença do princípio da persistência no processo de gramaticalização da locução *por causa que*. Para a continuidade do processo de gramaticalização, em estágios iniciais, há sempre um jogo de preservação e perdas de propriedades gramaticais e semântico-discursivas da forma fonte.

2.5. A decategorização (*de-categorialization*)

O princípio da decategorização tem a ver com a própria natureza do processo de gramaticalização, na medida em que toda mudança via gramaticalização pressupõe, de um lado, a perda de traços de uma categoria fonte; de outro, o ganho de outras propriedades em direção a uma categorialidade mais gramatical.

Desse modo, a decategorização é também patente no processo de gramaticalização da locução conjuntiva *por causa que*, cuja emergência se deve a um deslocamento categorial – e funcional – sofrido pela locução *por causa de*. Conforme defendem Paiva e Braga (2006)³⁰, tal deslocamento teve como ponto de partida o compartilhamento de propriedades gramaticais e semântico-discursivas entre a locução *por causa de* e o conector causal prototípico *porque*.

Na seção anterior, constata-se que alguns traços da forma fonte – marcação da causalidade no domínio referencial, posição do segmento causal como ordem não marcada e segmento causal como ponto de introdução de informação nova – mantêm-se na forma *por causa que*. Ao mesmo tempo, a passagem *por causa de* > *por causa que* resulta na perda de outros traços. Persistência e decategorização são, portanto, princípios que se justapõem no fenômeno da gramaticalização:

Pelo gradualismo do processo, a decategorização pode evidenciar algumas persistências, uma vez que nem todas as propriedades lexicais são perdidas e muito menos são assumidas todas

³⁰ PAIVA, Maria da Conceição; BRAGA, Maria Luiza. “Conjunções lexicais e gramaticais: o caso de por causa de”. *Gragoatá* (UFF), v. 21, 2006. p. 84.

as propriedades da nova categoria da qual passou a fazer parte a forma gramaticalizada. (LOPES, 2010, p. 279)³¹.

Além disso, pode-se apontar a divergência como um princípio que também interfere na decategorização: à medida que diverge da forma fonte, um item em gramaticalização perde traços originais e migra para outros pontos da escala de categorialidade, tornando-se mais gramatical. Com base nesse raciocínio e nas análises apresentadas nas seções anteriores, o processo de decategorização da locução *por causa que* pode ser descrito a partir das considerações feitas no quadro a seguir:

Quadro 1:

Decategorização <i>Por causa de</i> > <i>Por causa que</i>	
Persistência	Divergência
1. Forte tendência em estabelecer a relação de causalidade no domínio referencial	1. Mudança no padrão estrutural: [<i>por causa de</i>] + [SN/Infinitivo] > [<i>por causa que</i>] + [oração finita]
2. Posposição do segmento causal como ordem não marcada	2. Relação de causalidade com ênfase no processo, e não no resultado da ação
3. Segmento causal como ponto de introdução de informação nova	3. Neutralização do traço [+agentividade], presente nas construções com <i>por causa de</i>

3. Considerações finais

A partir da aplicação dos Princípios de Hopper (1991)³², este trabalho analisou, sincronicamente, o processo de gramaticalização da locução *por causa que*. No que tange à persistência, apontaram-se as convergências entre essa

³¹ LOPES, R. S. “A persistência e a decategorização nos processos de gramaticalização”. In: VITRAL, L.; COELHO, S. (orgs). *Estudo de processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações*. São Paulo: Mercado das Letras, 2010.

³² HOPPER, Paul. “On some principles of grammaticization”. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991.

locução e a sua forma fonte, o conector, na maioria dos casos intraclausal, *por causa de*. Aproximam essas duas formas as seguintes características: a) tendência à posposição (em relação ao segmento efeito); b) estabelecimento da relação de causalidade no domínio referencial e c) introdução de informação nova ao discurso. Veja-se que essas características também descrevem o conector *porque*, representando uma zona de interseção entre ele e as locuções *por causa que* e *por causa de*. Portanto, à luz de mais dados da forma inovadora – *por causa que* –, este trabalho valida a seguinte hipótese aventada por Paiva e Braga (2006, p. 84)³³:

O deslocamento do sintagma preposicional *por causa de* para a locução conjuntiva *por causa (de) que* constitui um movimento que parece ter seu ponto de partida em um conjunto de propriedades semânticas compartilhadas pelo conector *porque* e pelo sintagma preposicional *por causa de*. Ele vai culminar na perda de algumas características prototípicas do sintagma preposicional em favor do desenvolvimento de uma função mais sintática de introdutor de orações hipotáticas.

Assim, a mudança *por causa de* > *por causa que* (decategorização) envolve um “jogo” de preservação (persistência) e perdas (divergências) de propriedades, fato que atesta o caráter gradual da gramaticalização (HOPPER; TRAU GOTT, 1993)³⁴.

Como assinalado no decorrer do texto, as considerações deste trabalho envolveram, além das locuções *por causa que* e *por causa de*, os conectores causais *porque* e *que* presentes nos *corpora*. A forma *por causa que* é o conector menos frequente, representando apenas 12% da amostra. A baixa incidência dessa locução é, segundo Paiva (2001, p. 38)³⁵, um indício de que ela está em um estágio incipiente de gramaticalização.

³³ PAIVA, Maria da Conceição; BRAGA, Maria Luiza. “Conjunções lexicais e gramaticais: o caso de *por causa de*”. *Gragoatá* (UFF), v. 21, 2006.

³⁴ HOPPER, Paul; TRAU GOTT, Elizabeth. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

³⁵ PAIVA, Maria da Conceição. “Gramaticalização de conectores no português do Brasil”. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, 2001.

Como todos os princípios propostos por Hopper (1991)³⁶, que se prestam a analisar formas em estágios mais iniciais de gramaticalização, foram aplicáveis ao caso da locução *por causa que*, duas principais conclusões são possíveis: i) essa locução representa uma forma em processo ainda incipiente de gramaticalização, conforme aventa Paiva (2001)³⁷, e, por conseguinte, ii) esses princípios se mostram adequados para o estudo da gramaticalização sob a perspectiva sincrônica, como se fez neste trabalho.

GRAMMATICALIZATION IN SYNCHRONY: THE CASE OF THE CONNECTOR POR CAUSA QUE

ABSTRACT

This article aims at presenting grammaticalization synchronic tracks of the connector *por causa que* (“by cause that”), from applying the principles designed by Hopper (1991). Moreover, this paper confirms that Hopper (1991) provides suitable principles to investigate processes of grammaticalization under a synchronic perspective.

KEYWORDS: Grammaticalization; synchronic; Principles of Hopper (1991).

Recebido em: 08/01/2013

Aprovado em: 05/08/2013

³⁶ HOPPER, Paul. “On some principles of grammaticization”. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991.

³⁷ PAIVA, Maria da Conceição. “Gramaticalização de conectores no português do Brasil”. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, 2001.